

VIET-CHI POST Nº 44 15 de Dezembro de 2009

POR CIMA DO OCEANO (Hải Thượng Tân Thư)

Série de cartas do Mestre Phan-Hoang

Carta Quatro:

A ALMA DA ESPADA VIETNAMITA

HỒN KIẾM VIỆT

Para: discípulos do CHI-KIEM

Cópia: Peace Black Belts, Viet-Chi Post, Vo-Viet Journal

Esta é a CARTA Nº3 da série "POR CIMA DO OCEANO"

(RASCUNHO)

(continuação da Carta nº 3)

O desafiante Trilho de Monterosso parecia não ter fim enquanto eu avançava mais e mais fundo no seu coração. O sol vai alto, bem acima do horizonte. Agora o trilho sobe, cada vez mais alto. Comecei a sentir-me um pouco cansado. Deixei o meu hotel muito cedo esta manhã enquanto ainda estava escuro, e não tive muito que comer antes da caminhada. Do hotel até à entrada do Trilho de Monterosso a distância é suficientemente longa para o meu corpo consumir todas as calorias do meu parco pequeno-almoço. Sentia-me esfomeado. Olhando em frente vi o trilho subir ligeiramente e depois, sem nada que o indicasse, desaparecer sob as árvores. Olhando para trás, vi claramente o longo trilho serpenteando até mim. Contudo, o longo trilho não me dava nenhuma pista acerca da minha localização actual e a distância remanescente para a próxima cidade, Vernassa, outro local mágico aninhado nesta cadeia de montanhas. Lembro-me vagamente que Vernassa fica a doze quilómetros a sul de Monterosso, mas apercebo-me agora que doze quilómetros de caminhada por estes estreitos trilhos é bastante diferente daquilo que esperava.

Enquanto avançava pelo trilho, uma grande e bela rocha aparece silenciosamente no meu lado esquerdo, enquanto no lado direito do trilho está o íngreme talude da montanha, descendo para o oceano. A rocha agradável convidou-me a sentar-me nela. Sentei-me e fechei os olhos, respirei fundo. O ar fresco rejuvenesceu o meu corpo e também a minha mente. Quando abri os olhos não consegui ver nenhum belo *tiên* como tinha sonhado no Vietname. De acordo com os contos imaginários vietnamitas, nas altas montanhas vivem seres muito sábios e belos, com poderes mágicos. São imortais. Mas, neste momento, não me encontrava numa montanha do Vietname: estava esfomeado num trilho deserto de Itália. Talvez os *tiên* italianos morem nas nuvens ou no mar, enquanto os bandidos se escondem frequentemente nas altas montanhas, e como é óbvio não pretendo encontrar nenhum deles!

De qualquer modo, o que foi importante naquele preciso momento foi que pude sentir o mundo dentro de mim, mas não o mundo exterior. Um mundo de cinco mil anos que me foi ensinado, que passou a fazer parte do meu próprio mundo e estava impregnado na minha alma. Existem muitos trilhos históricos do meu povo, vencedores ou dolorosos, que eu sei de cor pelas lições da escola, por pais e mentores, e estórias de folclore. Caminhei pessoalmente por outros trilhos que me deram experiências inesquecíveis. Uma vez mais, fechei os olhos e tentei recordar lendas e histórias dos Trang-Si Viet (esgrima vietnamita

dos tempos antigos) que era mais similar aos cavaleiros da Europa do que à formal esgrima japonesa, a classe dos Samurais do antigo Japão.

Quando era adolescente, comecei já a coleccionar as lendas da espada. Tinha uma paixão secreta por todas essas lendas. Estas incluem a espada do Rei le-Loi, que regressou ao Lago da espada em Hanói. A espada do Rei Hung que matou a própria filha. A espada do terrífico Rei Nguyen-Hue, que se atreveu a dizer que ele estava errado. Existiam ainda muitas mais fantásticas histórias como a espada brilhante da princesa Bat-Nam, a espada cantante do Comandante Ly-Thuong-Kiet, a espada chorosa do Conde Tran-Quoc-Toan, a inquebrável espada do general Hung-Dao, a espada do relâmpado do Mestre Nguyen-trung-Truc, a invencível espada do Mestre Hoang-Dinh-Bao, e a mística espada Van-Thang-Guom. Estas lendas extraordinárias, vencedoras ou tristes, de sucesso ou fracasso, todas partilham uma mesma base, que é a alma da esgrima vietnamita.

A cidade de Hanói, a minha terra natal, tinha o nome místico de O dragão Ascendente (Thang-Long), um nome que se cola ao nosso coração pela sua bela imagem e pelo som mais agradável do que o termo Hanói. Durante séculos, Thang-Long testemunhou tantos eventos históricos que existem muitas histórias especiais sobre quase todos os cantos de uma rua. Conheci profundamente uma história gloriosa Thang-Long, um palco de inúmeros combates dos nossos antepassados do que Hanói, uma cidade votada ao declínio quando a Dinastia Nguyen subiu ao poder. As lendas que recolhi no Norte quando estava em Thang-Long são aqueles que reflectem a alma vietnamita da espada e pau. Aquelas que recolhi mais tarde no Sul reflectem o espírito dos modernos praticantes de artes marciais, a quem chamamos “Hao-Hon Giang-Ho” (o espírito independente dos grandes lutadores que viajam através dos rios e lagos). A beleza das lendas está na combinação entre factos e mitos, realidade e imaginação. Os factos providenciam a estrutura e a imaginação faz com que a lenda seja atractiva. A ficção é também muito atractiva, mas não dura muito. Por outro lado uma lenda é eterna porque faz parte da história e parte dos contos folclóricos, sendo portando um património. Por lendas e registos históricos, aprendi que, em tempos antigos, o povo vietnamita acreditava que a espada de um Trang-Si tinha alma. Havia espadas que choravam durante a noite, outras ansiando por servir um verdadeiro mestre, outras vingavam-se pela honra dos seus mestres derrotados, e outras espadas recusavam um combate desonesto. Pode a espada ter alma? Esta é uma questão vital para aqueles que praticam a Arte do Viet Chi-Kiem.

Deslizando suavemente pela rocha abaixo para o caminho, desembainhei a minha espada Cam-lai-Kiem e comecei a rotina dos Quatro Exercícios de respiração do Viet Chi-Kiem. Senti-me melhor mas mesmo assim um bocado cansado. Depois executei o esquema de treino diário Nhat-Luyen-Kiem. Este esquema que consiste em 108 movimentos, de facto aponta para o treino dos quatro mais importantes cortes de espada. Antes de eu poder dizer qualquer coisa acerca da qualidade do meu treino no trilho de Monterosso nessa manhã, o meu Cam-Lai-Kiem tinha me já falado. A minha espada de madeira disse-me que os meus gestos eram imprecisos, à velocidade de cada corte faltava a vitalidade usual e a energia era fraca. Sim, como habitual o meu Cam-Lai-Kiem estava a falar comigo. Eu escutava em silêncio, esqueci a fome, e pus todo o meu esforço para trazer o meu treino no meu nível normal. Quando o atingi, a minha espada pronunciou uma palavra de aprovação, “Vuf”, num claro e forte corte frontal. Estava tão contente de o ouvir, e a minha face brilhou nesse momento. Não é importante para mim o que outras pessoas poderiam pensar sobre este fenómeno de espada falante, mas a compreensão sobre o que a minha espada me pode dizer é crucial na minha prática de Viet Chi-Kiem, até para a minha vida.

Existem oito técnicas de corte básicas na nossa Arte da Espada. Quando uma dada técnica é executada a espada produz um som específico, e o tom desse som pode dizer ao espadachim acerca da precisão, qualidade e nível de energia da sua performance: fraco ou forte, preciso ou frouxo, acutilante ou atabalhado. O som do corte frontal é o mais fácil de apanhar pelos ouvidos de um iniciante, e o do corte oblíquo reverso é o mais subtil. Trabalhando com um parceiro ou numa situação real, quando as duas

espadas se encontram num impacto, a tua espada pode-te dar muita informação acerca dos teus oponentes se estiver aberto a escutá-la. Não só quão forte ou fraco, quão rápido ou lento os teus oponentes são, mas ainda mais importante qual o estados das suas mentes e emoções: calmo ou zangado, confiante ou medroso, calculista ou impaciente. Sim, pelo som ou pela subtil vibração a tua espada pode secretamente revelar-te detalhes importantes acerca do teu oponente e sobre ti próprio. Há muito tempo, por volta de 1786, um guerreiro famoso que reclamava ser o melhor do seu tempo no norte do Vietname, General Chinh (NGUYEN Huu-Chinh), depois de ter derrotado o seu oponente num raizante combate de espada, retornou a sua espada invencível à baínha com uma arrogância notória. A sua espada soltou um som nada usual, uma importante notícia para ele. Enquanto ele não a tomou a sério, um Trang-Si experiente que estava por perto não deixou escapar esse som específico, uma forma de comunicação da espada. O Trang-Si previu imediatamente que os gloriosos tempos do general acabariam em breve. Discretamente, abandonou o arrogante general e escapou para o interior. No ano seguinte, 1787, o arrogante General Chinh foi derrotado e decapitado.

A preciosa espada do General Chinh foi arrebatada pelo General Hoa (NGUYEN Van-Hoa'). Este último não quis ser o mestre da espada antes de a testar. Por isso um dia, num local chamado Giang-Vo em Thang-Long, ele organizou um concurso para testar a espada capturada. Disputaram-se um total de três combates. Sendo um espadachim muito experiente, esperava ser invencível, mas surpreendentemente perdeu os três combates. Percebeu então que a nova espada não o queria servir. Muito zangado, quis destruir a espada que lhe resistia usando a parte de trás de outra espada para bater no fio afiado da sua lâmina. Mas na realidade a outra espada partiu-se em duas ao primeiro impacto da castigada espada. O general inspirou fundo para se acalmar, e vagarosamente colocou a espada resistente numa mesa com respeito. Diante de vários espadachins, o general fez uma vénia cerimonial à espada e declarou que a espada estava agora livre. Ninguém de entre aqueles espadachins ousou tomar posse da espada, mas um jovem obscuro avançou, fez três grandes vénias e tomou-a.

Desembainhou a espada e executou um *Phuong-kiem*, uma sucessão de longas e complicadas sequências. Durante a sua habilidosa performance, surpreendentemente não foi ouvido nenhum som. Isto foi um indicador de um executante de alta performance, e apenas excelentes espadachins poderiam perceber o subtil som da espada em movimento. Quando a espada voltou à sua baínha, emitiu um som discreto e pacífico. Apercebendo-se disto, um espadachim mais velho, que era o mais respeitado de entre aqueles bons guerreiros, foi o primeiro a avançar em direcção ao jovem. Fez uma longa vénia à espada e felicitou o jovem que se tornou agora o mestre desta mística espada. Outros espadachins não perceberam porque o seu respeitado reitor foi tão respeitoso com o jovem. Não se aperceberam sequer do som subtil, a comunicação entre a espada e o jovem quando a espada reentrou na baínha, como um Trang-Si regressando a casa depois de uma nobre batalha. Este som significou que a espada aceitou o jovem espadachim como seu novo mestre, e aceitou ensiná-lo, protegê-lo e fazer parte da sua vida.

(continua na próxima carta)

Phan-Hoang (Novembro de 2009)